

## **RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA NA AMÉRICA LATINA: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL DA FUNDAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO E DOS FORJAMENTOS DAS IDENTIDADES NACIONAIS NA ZONA LATINOAMERICANA<sup>1</sup>**

### **LA RESIGNIFICACIÓN HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA EN AMÉRICA LATINA: UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL DE LA FUNDACIÓN DEL ESTADO-NACIÓN Y DE LAS IDENTIDADES NACIONALES EN LA ZONA LATINOAMERICANA**

Cauê Almeida Galvão<sup>2</sup>

(Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA)

#### **RESUMO**

Aborda debates que entrecruzam a transdisciplinaridade que caminha no entorno das Ciências Humanas, desde a história, educação e antropologia até a construção de um processo possível de reconstrução histórica e historiográfica da zona latinoamericana. A ideia de zona de indiscernibilidade, à luz de Deleuze e Guattari, referencia a não divisão de processos, por meio de construções históricas com recortes de delimitação geográfica ou cultural. Portanto, neste ensaio, a denominação zona conecta-se à tentativa de compreender o devir humano, desprendendo-se da estrutura dualógica que constrói as identidades nacionais, consolidadas sobre os pilares divisionais da estrutura colonizadora de superioridade/inferioridade e é posta através das sensações, controles dos corpos, linguagens e construção histórica eurocêntrica do real e do imaginário, pressupondo a negação da diversidade. Ao invés de transformação, objetiva propor a crítica contemporânea e coincidente com o processo coletivo de desconstrução dos padrões educacionais e culturais, atrelado ao processo de decolonialidade dos saberes e poderes, bem como a síntese do conceito foucaultiano de biopolítica. Nesse contexto, as teorias da colonialidad/decolonialidad, acrescidas à reflexão crítica sobre os processos educacionais, poderá contribuir para a compreensão da interferência nos processos de garantia das múltiplas identidades na zona latinoamericana.

---

<sup>1</sup> Ensaio apresentado e discutido em espanhol durante o Primer Congreso Internacional de Facultades de Humanidades: “De la sociedad tecnológica, al rescate del pensamiento legítimo y ético” entre los días 12 y 14 de septiembre de 2016, en el Campo Ferial Chukiago Marka, La Paz, Bolivia. Essa produção se trata de uma nova versão um pouco mais ampliada e em língua portuguesa.

<sup>2</sup> Historiador da América Latina e, atualmente, Mestrando do Programa Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Tem interesse por temas relacionados à História da América Latina, Movimento Anarcossindicalista no Brasil, Colonialidade dos saberes e poderes, Decolonialidade, Movimentos Sociais Contemporâneos, Educação Libertária, Cultura RAP, Produção audiovisual, Antiproibicionismo e Autogestão. Contato: cauealmeidagalvao@gmail.com

**Palavras-chave:** Identidades nacionais; desconstrução historiográfica; decolonialidade.

## RESUMEN

Trata de debates que se entrecruzan en la transdisciplinaridad que camina acerca de las ciencias humanas, desde la historia, educación y antropología hasta la construcción de un proceso posible de reconstrucción histórica e historiográfica de la zona latinoamericana. La idea de zona de *indiscernibilidad*, a la luz de Deleuze y Guattari, hacen referencia a una *no división* de los procesos, por medio de construcciones históricas con cortes de delimitación geográfica o cultural. Por lo tanto, en este ensayo, la denominación zona se conecta a un intento de comprender el devenir humano, alejándose de la estructura dual que construye las identidades nacionales, afirmadas sobre los pilares divisionales de la estructura colonizadora de superioridad/inferioridad y es puesta a través de las sensaciones, controles de los cuerpos, lenguajes y construcción histórica eurocéntrica del real y de lo imaginario, sosteniendo con anterioridad la negación de la diversidad. En lugar de transformación, tiene como objetivo proponer la crítica contemporánea y coincidente con el proceso colectivo de desconstrucción de los patrones educacionales y culturales, vinculados al proceso de decolonialidad de los saberes y poderes, así como la síntesis del concepto foucaultiano de biopolítica. En este contexto, las teorías de la colonialidad/decolonialidad, sumado a la reflexión crítica sobre los procesos educacionales, podrán contribuir para la comprensión de la interferencia en los procesos de garantía de las múltiples identidades en la zona latinoamericana.

**Palabras clave:** Identidades nacionales; des-construcción historiográfica; decolonialidad.

## 1. As condições construtivas do processo histórico e historiográfico latinoamericano.

Las caras más bonitas que he conocido,  
soy la fotografía de un desaparecido.  
Soy la sangre dentro de tus venas,  
soy un pedazo de tierra que vale la pena.  
soy una canasta con frijoles,  
soy Maradona contra Inglaterra anotándote dos goles.  
Soy lo que sostiene mi bandera,  
la espina dorsal del planeta es mi cordillera.  
Soy lo que me enseñó mi padre,  
el que no quiere a su patria no quiere a su madre.  
Soy América latina,  
un pueblo sin piernas pero que camina.  
(Calle 13 – Latinoamérica)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Referência musical - Calle 13, Latinoamérica. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>>. Acesso em: 30 abr.2017.

Os processos de construção históricos e historiográficos na América Latina carregam em seu bojo a carga do processo de colonização, tornando-o responsável principal pelo avanço civilizatório de Estados-nações originais, recriando figuras míticas, de forma suavizada, do poder central.

Tais processos, sobretudo educacionais, abarcam os liames da recolonização da região, sob a proposta de colonização que encerra a partir das independências e afirma que nos tornamos livres, pois independíamos das colônias europeias.

A realidade histórica, entretanto, aponta que a colonização sobreviveu em outra roupagem, porquanto, em relação aos processos decisórios, permanecemos colonizados nos processos de saberes e construção de identidades forjadas na superioridade do colonizador em detrimento da guetização do colonizado.

A suposta independência requer novas reflexões:

É que um regime de independência substituiu o da inseparabilidade (independência das variáveis, dos axiomas, e das proposições indecíveis). Mesmo os mundos possíveis, como condições de referência, são cortados do conceito de Outrem que lhes daria consistência (de modo que a lógica se acha estranhamente desarmada diante do solipsismo). O conceito em geral não tem mais uma cifra, mas um número aritmético; o indecível não marca mais a inseparabilidade dos componentes intencionais (zona de indiscernibilidade) mas, ao contrário, a necessidade de distingui-los, segundo a exigência da referência, que torna toda consistência (a autoconsistência) "incerta". (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.179)

Nesse sentido, a perspectiva da *colonialidad* dos saberes e poderes pensadas evidencia a tessitura de consolidação da identidade histórica da zona:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então, demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e

dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2005, p.2)

Para o autor, a construção coletiva das identidades nacionais relegou aos negros e indígenas a condição subalterna de seres exóticos e alheios a qualquer processo de construção histórica do que poderia consolidar o espaço que se desenhava através das divisões territoriais pelas elites locais (criollos e interesseiros), que viria determinar os processos de construção dos Estados-nações e a conseqüente fundação das identidades nacionais.

Pautadas sobre a lógica da unidade nacional e a produção de apagamentos históricos dos povos originários e negros, por meio da concepção de generalizações históricas e estáticas dos processos de divisão entre europeu e não-europeu, as identidades nacionais passaram a ser definidas não mais pelos europeus, porém por sujeitos da zona que estudaram e tiveram contato com formas e pensamentos europeus.

Imbuídos pelo discurso elitista utópico das revoluções francesa e estadunidense, ratificaram o processo de dissolução e apagamento historiográfico dos não-europeus, a fim de legitimar uma identidade nacional branca, fortalecida pela eugenia racial da época, permitindo que os processos de avanço civilizatório fossem melhor aceitos pelas colônias anteriores, transformadas em modelos de civilização almejados.

Este generalismo cultural tratou-se de um processo histórico estratégico, idealizado pelos europeus a partir dos processos de independência na América Latina, assim descrito:

A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento. (QUIJANO, 2005a, p.5)

Torna-se premente, a partir de tais esclarecimentos, o desenvolvimento de uma produção historiográfica que questione a história e, principalmente, a educação do ensino de história na América Latina, por meio da interação das potencialidades que essas produções trazem para os processos de diversidade cultural, fundamental para a transformação transcultural das perspectivas produzidas dentro da zona latinoamericana.

Atualmente, embora tal transformação esteja ocorrendo, observa-se a permanência de traços dos modelos eurocentrados, corroborando com a solidificação dos processos de opressão, incrementados pela produção histórica pautada na desvalorização dos povos originários, na negação da importância dos negros na construção da identidade da zona, bem como a sólida e necessária imagem de líderes para a ordem lógica do Estado-nação, sobretudo homens, revelando outro aspecto importante nesse processo, o gênero.

Nesse contexto, refletir sobre as teorias da *colonialidad/decolonialidad* tentará contribuir para um processo crítico de questionamento dos processos educacionais, ancorado por referências históricas e historiográficas, que perpassam determinados recortes que poderão constituir e definir os processos de construção e interferência das múltiplas identidades da zona latinoamericana.

Tais processos e métodos propiciarão o debate sobre a estrutura de fundação dos Estados-nacionais na América Latina e os processos adjacentes do forjamento de identidades nacionais únicas.

Estas estratégias operaram diversos dispositivos implementados pelas instituições do Estado e do controle de corpos e mentes, fundamentados por meio da estrutura jurídica liberal, resultando na negação de um processo de luta e resistência latinoamericano na construção e manutenção de suas tradições locais, levando à compreensão da tessitura em que as instituições são parte do processo de colonização, assim como os instrumentos legislativos que nos regem:

A lei não é pacificação, pois, sob a lei, a guerra continua a fazer estragos no interior de todos os mecanismos de poder, mesmo os mais regulares. A guerra é que é o motor das instituições e da ordem: a paz, na menor de suas engrenagens, faz surdamente a guerra. Em outras palavras, cumpre decifrar a guerra sob a paz: a guerra é a cifra mesma da paz. Portanto, estamos em guerra uns contra os outros; uma frente de batalha perpassa a sociedade

inteira, contínua e permanentemente, e é essa frente de batalha que coloca cada um de nós num campo ou no outro. Não há sujeito neutro. Somos forçosamente adversários de alguém. (FOUCAULT, 2010, p.43)

Sob o raciocínio foucaultiano, da escolha entre um campo ou outro, este ensaio dispõe-se ao lado dos *de abajo*, dos povos latinoamericanos e suas resistências e tradições culturais.

Trata-se de apologia à ressignificação histórica e historiográfica dos processos de construção das identidades nacionais e a consequente segregação na zona latinoamericana, justificada pelas aparentes diferenças, ao invés de potencializá-las por meio de nossas semelhanças e diversidades.

## **2. Inventar para dividir: as criações das identidades nacionais e a exclusão do exótico ao modelo ocidental eurocentrado**

“Se esta transformando América,  
en una doctrina equanime,  
contando de forma unánime,  
otro gobierno benéfico,  
adios al juego perplexico de tu imagen paleolítica,  
por pinchecata y raquítica yo que no nunca he sido drástico,  
te digo en tono sarcástico,  
política sifilítica”.  
(Sistema Bomb – Política Sifilítica)<sup>4</sup>

A partir do século XIX, principalmente com os processos de independência iniciados com o levante no Haiti, os modelos de organização social passaram a ser articulados sem desprender-se das raízes dos sistemas de governo coloniais.

Todavia, a necessidade do discurso de modernização dessas jovens sociedades independentes se fazia muito forte através de uma elite fincada sobre o trabalho escravo, a perseguição e caça de indígenas e seus territórios, em um processo de transição para um capitalismo periférico.

Assim, essa elite passa a ter em seus filhos (criollos ou luso-brasileiros), a ponte que vincula o discurso eurocentrado de eugenia à consagração mítica dos líderes, mantendo o discurso de poder governante positivista que a zona brasileira ostenta na bandeira (ordem e progresso), bem como a ideia da organização social

---

<sup>4</sup> Referência musical - Sistema Bomb, Política Sifilítica. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sM6i0oIQc8>>. Acesso em: 01 mai.2017.

do Estado-nação, a fim de consolidar a imagem e produção histórica e historiográfica do imaginário possível de avanço civilizacional, produzindo estruturas para o forjamento das identidades. Observa-se, contudo, que esses espaços coloniais traziam as marcas do processo de serem colônias durante 300 anos e tal condição histórica - para os pensadores e intelectuais - fazia da zona latinoamericana um processo contínuo de eterna periferia.

Embasados no raciocínio das marcas implícitas, os intelectuais e agentes políticos das elites articularam, estrategicamente, o processo das identidades nacionais sob a égide do imaginário da modernidade capitalista, sobretudo o recorte de raça e gênero para forjar não apenas os imaginários sociais políticos e de governo, porém igualmente a estrutura do branqueamento populacional tão abordada em diversos trabalhos das cores e dos conceitos de mestiçagem.

Denota-se, nestes processos, a prevalência do branqueamento de saberes (silenciamento das outras formas “exóticas” ao europeu e seu *modus vivendi*), dos poderes (fortalecimento do imaginário do Estado-nação e de suas estruturas de defesa dos privilégios, pela violência) e o arquetamento de dispositivos que legitimarão, sempre em pequenas parcelas privilegiadas do poder de decisão, as decisões coercitivas as quais os sujeitos involuntariamente aderem ao sujeitar nascer dentro desse código de condutas, oriundas da dependência dos códigos morais religiosos.

Esta ambiência pode ser percebida no relato do caso colombiano de La Regeneración, descrito como um “retrocesso histórico en el que se consolidaron la Iglesia católica, la educación confesional y clerical, y una mentalidad dogmática y anti-científica.” (AGUILERA, 1997, apud RUIZ, 2011, p.18).

Esse retrocesso refere-se ao paradoxo da intenção de transformar-se em civilizado, em contraste com as resistências dos povos originários e negros que passaram a ser selecionados por meio de diversos dispositivos (trabalho, educação, renda, direitos básicos privatizados, entre outros), despojados de elementos para uma estruturação social que os considerasse como possibilidades.

Essa não-possibilidade se sustenta por meio da divisão racial do trabalho retratada anteriormente por Quijano, mas igualmente pela construção histórica das

elites no apagamento<sup>5</sup> memorial dos processos de resistência a estrutura de Estado-nação e identidade nacional no entorno da zona latinoamericana, com suas multiplicidades divergentes e congruentes, descrito pelo conceito de etnogênese de Pacheco de Oliveira (2004).

Assim, a ideia de uma invenção das identidades poderá contrapor a perspectiva de um processo linear, constituído dos avanços possíveis perpetrados pelos descobrimentos e a consolidação de uma civilidade possível, permeado pelas transformações arquitetônicas, visuais, históricas, sociais e políticas e, posteriormente, com o forjamento dessas transformações de discursos, buscando a unidade nacional por meio da identidade.

Nota-se que tais estratégias diligenciavam a legitimação dos aspectos referentes à divisão social e a possibilidade de o Estado-nação exterminar todos os sujeitos divergentes aos regimes autoritários, buscando a unidade não pela consensualização de convivência, porém para legitimar sua diferença e colocá-la como uma pirâmide de ascendências nos processos evolutivos anteriormente construídos.

### **3 Sustentação das identidades nacionais e os processos de instituição dos estereótipos e do extermínio**

Violenta es la venta de tus derechos y de hecho,  
es un robo el cobro en educación, salud y techo.  
Violento es el apropiamiento empresarial de todos los bosques,  
los mares y el hábitat que van a devastar.  
Pero eso no sale en la prensa  
que trena mensajes con eficiencia pa vencer la resistencia,  
y es que su estado es la violencia organizada de la clase alta,  
contra la que labora por casi nada.  
(Portavoz y Subverso – Donde empieza)<sup>6</sup>

A partir dessa mirada rizomática apresentada, coloca-se a necessidade de observar os processos de construção dos imaginários que se solidificaram por meio do discurso da identidade nacional e fortalecimento do Estado.

---

<sup>5</sup> Cf. Trabalhos de valorização das memórias e saberes dos povos originários, realizados pela Organização Não Governamental (ONG) “Vídeo nas Aldeias”. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/>>. Acesso em: 06 mai.2017.

<sup>6</sup> Portavoz y Subverso, Donde empieza.  
<<https://www.youtube.com/watch?v=8dWK5xmAbHc>>. Acesso em: 02 mai.2017.



Ressalta-se não apenas os aspectos econômicos, mas igualmente, os aspectos histórico-culturais, a fim de garantir o poder de governar por intermédio do medo, apresentado como um molde representativo na zona latinoamericana:

Os Estados deixam de ser empresários e tornam-se policiais. Os presidentes se transformam em gerentes de empresas estrangeiras. Os ministros da economia são bons tradutores. Os industriais se transformam em importadores. Os mais dependem cada vez mais das sobras dos menos. Os trabalhadores perdem seus trabalhos. Os agricultores perdem suas terrinhas. As crianças perdem sua infância. Os jovens perdem a vontade de acreditar. Os velhos perdem sua aposentadoria. “A vida é uma loteria”, opinam os que ganham. (GALEANO, 2011, p.85)

A predisposição incutida pelas elites forjadoras da identidade única à zona latinoamericana consolidou, apoiada nas estruturas educacionais e nos instrumentos de poder, uma sólida marca de governança representada pela estratégia do medo e da contraposição da existência de um Estado democrático de direitos, bem como o estado constante e internalizado de exceção.

Assim, tornou-se possível legitimar as diferenças do que se consolida como identidade nacional ao contraste a ser tomado como inimigo:

A exceção é uma espécie de exclusão. Ela é o caso singular, que é excluído da norma geral. Mas o que caracteriza propriamente a exceção é que aquilo que é excluído não está, por causa disto, absolutamente fora da relação com a norma; ao contrário, esta se mantém em relação àquela na forma de suspensão. A norma aplica-se a exceção desaplicando-se, retirando-se desta. O estado de exceção não é, portanto, o caos que precede a ordem, mas a situação que resulta da suspensão. Neste sentido, a exceção é verdadeiramente, segundo o étimo, *capturada fora (ex-capere)* e não simplesmente excluída. (AGAMBEN, 2004 apud D'ELIA FILHO, 2015, p.88)

Na realidade brasileira, esse aspecto da exceção apresenta-se como um processo de continuidade na contemporaneidade do pós-ditadura civil-militar.

O processo ocorreu não só internamente, porém atrelado aos discursos externos como a política de guerra às drogas, consolidada no ano de 1971 pelo presidente estadunidense Richard Nixon, amplamente aplicada na zona latinoamericana.

Nesse contexto do inimigo interno, contextualiza-se o processo histórico ocorrido no caso da zona brasileira:

Todo esse discurso construído no período do golpe militar, circulante na sociedade civil, sob a égide do Ato Institucional N°5, é incorporado pelos operadores do sistema de justiça criminal pós-ditadura, que se utilizam do modelo da defesa social ao promover a legitimação do poder punitivo do Estado na luta contra a criminalidade. É mantida assim uma estratégia de atuação policial repressiva, com características militares, numa cultura de intolerância ao crime e ao criminoso, fomentada pela remilitarização da segurança pública e legitimada a partir da reinvenção do “inimigo interno”. (D’ELIA FILHO, 2015, p.36).

A intolerância ao crime e ao criminoso legitimará processos de extermínio alicerçados, sobretudo, na condição econômica, racial, étnica e de gênero.

Tomando como exemplo a zona brasileira e sua atuação na política internacional de guerra às drogas, observa-se que as pessoas que mais se encontram encarceradas e são mortas por policiais em serviço são pessoas negras, pobres, mulheres e moradoras de zona em estado de exceção, em que direitos basais não são respeitados, posto que a lógica desses direitos se vincula à lógica do direito ao consumo.

Por conseguinte, o poder punitivo torna-se uma relação determinada pela condição econômica e não originariamente como instrumento de justiça e equidade.

Sob tal perspectiva, o juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos apresenta análise revisada do exercício do poder punitivo do Estado:

Ao revisarmos o exercício real do poder punitivo, vemos que esse sempre representou um *hostis*, em relação ao qual operou diferenciada, com tratamento discriminatório, neutralizante e eliminatório, a partir da negação da sua condição de pessoa, ou seja, considerando-o basicamente em função de sua condição de coisa ou ente perigoso. (ZAFFARONI, 2007 apud D’ELIA FILHO, 2015, p.107- 108).

Salienta-se que a consolidação do inimigo interno pode ocorrer tanto por meio dos processos internos quanto dos externos, perpetrada pelas lógicas de governança internacionais e estruturação de uma unidade em escala global e de

controle total, incluindo castrações culturais, exemplificada pela política de guerra às drogas anteriormente mencionada.

Além da questão cultural, percebe-se a construção dos inimigos internos para um processo de globalização. Observa-se que, mesmo os processos na zona denominados progressistas (notadamente, uma lógica positivista) abarcam uma perspectiva desde a mirada das reformas sociais, afastando as possibilidades de uma transformação que inverta um dos processos de maior força no processo de colonialidade dos saberes, poderes, corpos, da natureza e gênero: os processos de formação dos Estados-nações e produções de patrimônios culturais que distinguem o cultural do folclórico.

Os casos que ampliaram seus Estados-nacionais para plurinacionais, todavia, excluíram muitos outros pluris que não caminham para o interesse centralizado dos processos decisórios e de representatividade dentro de uma multiplicidade.

Assim, esse aspecto plurinacional apresenta um fator que, para ter efetiva transformação real das estruturas e não a intenção de reformar, deve ter como meta determinante, o caminho sobre os eixos da produção e potencialização do debate e ação da diversidade cultural na zona latinoamericana.

Ou seja, por meio de processos produtivos de conhecimento originário e interseccionalizado e, de dentro dessa diversidade, não buscar uma unidade de discursos, se não que, a perspicácia e liberdade para as continuidades na intensidade dos tempos e das culturas e tradições que a zona latinoamericana traz consigo, apesar dos diversos processos de castração ou tentativa de fazê-lo mediante os fragmentos historiográficos eurocentrados impostos nos moldes educacionais e a visão binária cristã/ocidental de determinação de verdades absolutas nos processos de solidificação do Estado-nacional e o imagético da identidade nacional de cada fragmentação da zona.

Sob o eixo reflexivo, um aporte desponta sobre os processos contemporâneos dos Estados plurinacionais, em uma crítica sensata à cooptação dos discursos inseridos nos sistemas legislativos desses novos Estados:

Un error clave fue creer que el Vivir Bien podía ser plenamente desarrollado desde el poder estatal, cuando en realidad el Vivir

Bien es una propuesta que se construye desde la sociedad. La constitucionalización del Vivir Bien y el Buen Vivir ahondaron este espejismo e hicieron pensar que a través de un plan nacional de “desarrollo” desde el Estado se podía avanzar hacia el Vivir Bien cuando en verdad el secreto de esta visión está en el fortalecimiento de la comunidad, en el potenciamiento de su capacidad de complementariedad con otras comunidades y en la autogestión de su territorio. (SOLON, 2016, p.54)

Mantida estratégicamente em sigilo, a autogestão dos povos ocasionou uma transformação peculiar no processo latinoamericano, remetendo às marcas da resistência apresentadas anteriormente, jungidas ao avanço suposto. No entanto, este avanço apresenta-se envolto na ordem do Estado-nacional e da conjuntura mundial capitalista, resultando em entraves aos reais avanços dos povos da zona.

O autor supracitado analisa o processo de colonialidade desenvolvido pelas instituições que intencionam normalizar e despotencializar as formas autônomas de estruturação fora do pensamento centralizador do Estado-nação.

Sin una democracia real y efectiva no es posible avanzar en la autogestión, la autodeterminación y en el potenciamiento de las comunidades y organizaciones sociales que son esenciales para el Vivir Bien. El ejercicio de la democracia entraña limitar el poder de los poderosos y del propio Estado. Si el gobierno central instrumentaliza la participación popular, coopta a las organizaciones sociales y controla los diferentes poderes del Estado, se inviabiliza la construcción de una democracia real. Ésta democracia es una pieza clave en la construcción del Vivir Bien a nivel de un país o una región porque todo gobierno y pueblo van a cometer errores en la construcción de una nueva eco-sociedad, y la única forma de detectarlos, corregirlos y re-imaginar nuevos caminos es con el concurso de todos. (SOLON, 2016a, p.71-72)

De acordo com o autor, torna-se primordial re-imaginar e reinventar-se, pois se compreende claramente que os processos contemporâneos de colonialidade podem ser considerados partes integrantes dos processos de governança e controle global, por meio de estruturas moldadas em pilares democráticos, especialmente no apagamento pelas generalizações históricas.

#### **4. América Latina decolonial como zona de potencialidades incômodas**

Yo no entiendo como la gente se cree lo que dicen en la tele y los gobiernos yo no entiendo, no no.

Somos ignorantes en las manos de cabrones  
que nos engañan y utilizan  
para construirse sus mansiones,  
nos roban y nos juzgan,  
nos joden, nos empujan  
Somos esclavos de un sistema capitalista en la jungla.  
(Green Valley– Inmigrantes)<sup>7</sup>

Propor a desconstrução dos processos que consolidaram as construções históricas para legitimação de identidades nacionais na zona latinoamericana, torna-se de suma importância para a projeção de perspectiva desde *abajo e de lo diverso*, que contrapõe-se aos processos de colonialidad fortificados nas instituições de ensino da zona, e que corroboraram para uma inconsciente irrupção das tradições e pensamentos dos 50.000 anos de história de uma zona que, para o ensino básico corresponde apenas a 300 anos de colonização, de acordo com a lógica sequencial da independência e do republicanismo.

Este *status quo* apresenta, portanto, uma linha teleológica de produção de silêncios, garantindo o controle dos corpos, mentes e decisões com seus dispositivos de legitimidade normatizadora.

Assim, urge as mudanças educacionais do ensino básico ao superior, por meio de produção de discursos que desconstruam essas inverdades históricas, por meio de conexões rizomáticas, ou seja, não tomando como pressupostos datas, mitos ou eventos, mas antes continuidades e rupturas que se apresentam com as ressignificações e invenções históricas produzidas e sintetizadas através do discurso da verdade, antes da religião e posteriormente da ciência acadêmica, mas sobretudo, violenta e estigmatizante da zona e sua consolidação estrutural de Estados-nações.

Esse processo de transformação educacional faz-se determinante nos processos de desconstrução de discursos, pelo seguimento de uma linha contínua, hodiernamente produzida e reproduzida.

Observa-se, a seguir, a análise sucinta e esclarecedora que assevera:

La mayoría de publicaciones historiográficas del siglo XX pasaron la idea de una América joven, con edad aproximada de 500 años; un continente sin historia aborigen que negó cualquier posibilidad identitaria enraizada en culturas diversas y vivas que habían

---

<sup>7</sup> Referencia musical - Green Valley, Inmigrantes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RWQ3dGR7ss4>>. Acesso em: 02 mai.2017.

sobrevivido a 300 años de colonización, en lucha por la vida, por la tierra y la libertad, hasta encontrarse con los siglos XX y XXI. (MENESES, 2016, p.23).

Diversos exemplos acadêmicos sequenciam a consolidação historiográfica citada, aportadas sobre estruturas de pensamentos eurocêntricos que contribuíram para confundir e atravancar os processos dos povos originários e negros, em torno de uma diversidade cultural no processo de consolidação de um imaginário mais multidiverso, dentro das zonas internas na grande zona latinoamericana.

Um exemplo nacional é o pensamento de Darcy Ribeiro<sup>8</sup>, ilustre antropólogo, em torno da perspectiva em relação aos povos originários, denominados como indígenas pelo mesmo. Sua produção em relação à população originária foi concebida sob a lógica marxista, pautada nas relações binárias e no aspecto teleológico da história.

Fundamentado sobre esses fatores que representam a perspectiva marxista, a assimilação era o caminho para os povos originários, na lógica capitalista da modernidade. Tendo em vista que o sistema capitalista se direciona para um *locus* global, pela lógica assimilacionista, ao fim do processo assim, esses povos seriam integrados à comunidade nacional/global.

Para o antropólogo, a relevância de escrever sobre os indígenas seria dar visibilidade (posto que não são capazes por si mesmos) e, ainda, garantir que suas histórias fossem colocadas no pensar histórico do passado e, de acordo com o fator teleológico, “avançariam” coletivamente.

Outro exemplo brasileiro recai na concepção de Gilberto Freyre<sup>9</sup>, que fundamenta questões sobre os negros, de forma resolutiva, embasado na miscigenação, considerando apenas o binarismo preto/branco, silenciando as resistências a partir do processo de cisão do sistema econômico escravagista,

---

<sup>8</sup> Trata-se aqui da obra “O Povo Brasileiro”, em que o autor caminha pela linha do pensamento universalista assimilacionista, e neste contexto, legitima construção eurocentrada dos processos de silenciamento dos “exóticos” ao *modus vivendi* europeu/ocidental

<sup>9</sup> Expõe-se, neste sentido, a consolidação nas academias brasileiras de história e ciências sociais no processo de cânones como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda ou Darcy Ribeiro, que trazem a perspectiva histórica pautada na binariedade marxista e sobretudo no silenciamento citado no texto através dos dispositivos usados para construção desses pensamentos como o universalismo assimilacionista e o predisposto teleológico da história.

além da consolidação do processo de divisão racial piramidal das sociedades da zona, descrito anteriormente por Quijano.

Assim, torna-se crível afirmar que a consolidação do processo de *colonialidad* não ocorre somente nos processos de fundação do Estado-nação com as elites e suas intelectualidades apropriadas do ocidente, mas, sobretudo, no limiar do século XX a partir da consolidação da história de curta duração e o ideal de que as verdades científicas tinham que ser inclusivas aos outros, determinando seus espaços históricos como limitados e limitantes.

O processo de *colonialidad*, portanto, parte de um processo dependente e resiliente de construção dos estereótipos e o fortalecimento das divisões que sustentam a sociedade até a contemporaneidade dentro da zona latinoamericana.

Nesse aspecto, a *decolonialidad*, por meio dos dispositivos de desconstrução da historiografia latinoamericana, se apresenta como uma possibilidade de mirar desde a perspectiva sistema-mundo pensada por Wallerstein (1990), posteriormente adaptada por Dussel (1994) e diversos pensadores da *colonialidad/decolonialidad*.

Tal possibilidade encetaria produções historiográficas que romperiam com esses moldes, por meio da crítica ao modelo sistema-mundo e suas consolidações estereotipantes das zonas divergentes ao padrão ocidental.

Corroborando com as afirmativas ora apresentadas, apresenta-se a perspectiva e a relevância do processo de (des)construção educacional:

Los racismos y sexismos sociales, políticos y económicos son mucho más visibles y reconocidos hoy en día que el racismo/sexismo epistemológico. No obstante, el racismo epistémico es la forma fundacional y la versión más antigua del racismo en cuanto la inferioridad de los «no occidentales» como seres inferiores a lo humanos (no humanos o subhumanos) se define con base en su cercanía a la animalidad y el último con base en la inteligencia inferior y, por ende, la falta de racionalidad. El racismo epistémico funciona a través de los privilegios de una política esencialista («identitaria») de las elites masculinas «occidentales», es decir, la tradición de pensamiento hegemónica de la filosofía occidental y la teoría social que rara vez incluye a las mujeres «occidentales» y nunca incluye los/las filósofos/as, las filosofías y científicos/as sociales «no occidentales». En esta tradición racista/patriarcal, se considera «Occidente» como la única tradición de pensamiento legítima capaz de producir conocimiento y como la única con acceso a la «universalidad», la

«racionalidad» y la «verdad». El racismo/sexismo epistémico ve el conocimiento «no occidental» como inferior al conocimiento «occidental». Dado que el racismo epistémico está involucrado con el patriarcado judeo-cristiano y su sexismo epistémico, la ciencia que tiene a Occidente como su centro es una forma de racismo/sexismo epistémico que privilegia el conocimiento masculino «occidental» como el conocimiento superior en el mundo actual. (GROSFOGUEL, 2011, p.343)

Ressalta-se que esses trabalhos historiográficos representam uma ruptura com o modelo de pensamento hegemônico ocidental, e abrem uma fissura que expõe os processos que se solidificam por meio da estruturação das identidades nacionais, bem como os processos de silenciamento da violência, múltiplas histórias e memórias originárias e/ou vinculadas à comunidade afrodescendente.

Tais rupturas ocorrem simultânea e coletivamente com a organização mais horizontalizada dos povos originários e negros, em torno de suas perspectivas e anseios, planeando um apanhado histórico de ressignificações e a busca pela compreensão da diversidade entre os povos, inseridos em um sistema de direitos factuais.

## 5 Conclusão

Algunos psicópatas me tienen en la corte marcial.  
Según las reglas de la “Asociación de la Música Social”  
se supone que me deje la barba larga, que mi esposa sea fea  
que venda artesanías y que viva en una aldea.  
Se supone que renuncie a mi pasaporte  
y que todas las cosas que compre vengan de Corea del Norte.  
Una vez grabé en Miami, pero se supone que no vuelva  
la música de mi disco la tengo que grabar desde la selva.  
No puedo usar internet, por lo menos eso asumo  
se supone que me comunique por señales de humo.  
Si lucho por los pobres, económicamente los de abajo  
no puedo cobrar por mi trabajo  
no puedo tener plata en mis manos  
y si cobro algo, lo tengo que cambiar por pesos cubanos  
y cuando vaya a pagar mi casa por cuotas  
no puedo porque en mi colonia solo aceptan dólares, ¡idiota!  
¿Cuál es el libreto?  
Si lucho por los que no tienen educación, ¿tengo que ser analfabeto?  
Por eso soy multi-trillonario, soy tan millonario  
que me acabo de comprar todo el cabrón abecedario.  
(Calle 13 - Gato que avanza, perro que ladra)<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Referencia musical - Calle 13, Gato que avanza, perro que ladra. Disponible em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N9csXRNdabM>>. Acesso em: 01 mai.2017.



Buscou-se, neste breve ensaio, propor o debate de uma perspectiva crítica e decolonial da fundação do Estado-nação e dos forjamentos das identidades nacionais na zona latinoamericana como parte integrante da desconstrução historiográfica e histórica em torno da região.

Compreende-se que essa desconstrução historiográfica requer mudanças basilares e urgentes no sistema educacional *desde los de abajo y diverso*, bem como a desfragmentação de um modelo histórico gestado sobre as ênfases da centralidade do poder dos corpos, mentes, morais e sexualidades, aspectos evidentes do sistema capitalista global, que engendra uma generalidade de discursos silenciadores das diversidades.

Assim, cabe aos pesquisadores, educadores, estudantes, professores e todas as comunidades originárias e afrodescendentes produzir e reproduzir o empoderamento, permeado por debates sobre as diversidades culturais, a fim de compreendermos como sujeitos periféricos ocidentais ou ibérico, e deixamos de ser vistos como uma comunidade/zona diversa.

Somente a partir desses processos de desconstrução teórica e prática, torna-se possível consolidarmos uma transformação sintomática nas possibilidades e perspectivas diversas que orientam e fazem parte do extenso território da zona latinoamericana e, assim, caminhar conforme nossos tempos, culturas e tradições e livre do dispositivo que nos concentra a liberdade e nos determina sujeitos-parte de uma estrutura repressiva e moldante dos ritmos e continuidades do processo de colonialidad: o Estado-nação e a invenção das identidades nacionais únicas.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3.ed. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 2010.

D'ELIA FILHO, O.Z. **Indignos de vida**: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

DUSSEL, E. **1492**: el encubrimiento del outro - hacia el origen del mito de la modernidad. Bolívia: CLACSO, 1994.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREYRE, G. **Casa-Grande e Senzala**. 2. ed. São Paulo: Global, 2005.

GALEANO, E. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GROSGOUEL, R. Racismo Epistémico, islamofobia epistémica y ciencias sociales coloniales. **Tabula Rasa**, v.14, p.341-355, 2011.

MENESES, G.G.L. La identidad de América en larga duración: ni occidental, ni ibérica, solo diversa. In: CRUZ, C.A.S.; CORAZZA, G.; SOUZA, N.A. de. (Orgs.). **América Latina**: olhares e perspectivas, Florianópolis: Insular, 2015.

PACHECO DE OLIVEIRA, J. (Org.). **A viagem da volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena. 2.ed. Rio de Janeiro: LACED, 2004.

SOLON, P. **Es posible el Vivir Bien**: Reflexiones a Quema Ropa sobre Alternativas Sistémicas. Bolívia: Fundación Solo, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

RUIZ, L.M; RODRÍGUEZ, E.C. **La Regeneración revisitada**: pluriverso y hegemonía en la construcción del estado-nación en Colombia. Medellín: La Carreta, 2011.

WALLERSTEIN, I. **O Sistema Mundial Moderno**. v.1. Cidade do Porto: Afrontamento, 1990.

ZAFFARONI, E.R. **O inimigo no direito penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.